

## **II Encontro Nacional das Mulheres Negras: Um olhar da juventude negra paraibana.**

Maria Luzitana Conceição dos Santos.

Cita:

Maria Luzitana Conceição dos Santos (2019). *II Encontro Nacional das Mulheres Negras: Um olhar da juventude negra paraibana*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1042>



## II Encontro Nacional das Mulheres Negras: Um olhar da juventude negra paraibana

Maria Luzitana Conceição dos Santos<sup>1</sup>

*Eu me levanto.*

*Você pode escrever a minha história com o seu amargor e mentiras. Você pode me atirar na lama. Mas, ainda assim, como poeira, eu me levanto.*

*Joselina da Silva e Amauri Pereira*

### Resumo

O estudo tem como objetivo relatar a trajetória de construção do Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil, na perspectiva política da juventude integrante do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba (MMN PB). A investigação caminhou no cenário pós-eleição presidencial de 2018. Norteia o caminho teórico da investigação a pluralidade do feminismo negro afro-latino-americano apontado por Lélia González numa perspectiva pós-crítica ao racismo, às diferentes formas de opressão e a negação do *Bem Viver*. O *II Encontro Nacional* aconteceu em Goiânia, Goiás, região do centro-oeste brasileiro. Metodologicamente foi construído por meio de plenárias, encontros regionais e estaduais e reuniões do grupo de coordenadoras. Dentro do universo das quase mil mulheres negras que participaram do evento algumas jovens negras – estudantes, ativistas e pesquisadoras – representaram o Movimento de Mulheres Negras na Paraíba. Enquanto procedimentos metodológicos sublinharam o estudo a interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e a escrevivência de Conceição Evaristo imbricando relações de raça, gênero e relação geracional. Os resultados apontam construções político-participativas em meio aos tensionamentos intergeracionais.

### Palavras-chave

*Encontro Nacional de Mulheres Negras. Feminismos Negros. Protagonismo Político.*

### Introdução

Este estudo tem como objetivo relatar a trajetória de construção do Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil, na perspectiva política da juventude integrante do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba (MMN PB).



O legado do Encontro Nacional de Mulheres Negras de 1988 contribuiu como ponto de partida para tecer reflexões no atual contexto sócio histórico da sociedade brasileira sobre como se deu a partição da juventude integrante do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba na construção do *II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil*.

Ocorrido na cidade de Goiânia, em Goiás, no período de 06 a 09 de dezembro de 2018, *II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos* decorreu na emergência de governos conservadores na América Latina. Interessa perceber a atuação histórica do movimento de mulheres negras brasileiras na contra narrativa às dinâmicas de inequidades geradas pelo racismo estrutural, as desigualdades nas relações de gênero e os (des)encontros/(re)encontros entre relações intergeracionais. Norteia o caminho teórico do estudo a pluralidade do feminismo negro afrolatino-americano apontado por Lélia González.

Além dessa introdução, trajetória metodológica e recorte sobre o feminismo negro afro-latinoamericano, trago alguns dos principais momentos de construção do ENMN – 30 Anos a partir da construção de atividades do Movimento de Mulheres Negras na Paraíba: i) Marcha ao Fórum; *Encontros Nacionais de Mulheres Negras*: ii) construções, limites e complementaridades; Encontro Regional de Mulheres Negras do Nordeste e iii) II Encontro Estadual Paraibano de Mulheres Negras – PB. Sem considerar uma ação de finitude, apresento olhar na roda dos (des)encontros.

### **Metodologia**

Enquanto abordagem qualitativa (Minayo, 2007) a sistematização da trajetória de construção do *II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil* encontrou no método interseccional de Kimberle Crenshaw e nas escrituras de Conceição Evaristo o caminho de análise sobre as inequidades geradas pelo racismo estrutural, as desigualdades reproduzidas nas relações de gênero e os (des)encontros/(re)encontros de relações intergeracionais.

Para Conceição Evaristo (2017) escrever significa contar histórias particulares que remetem a experiências de corpos coletivizados. Significa que busco traduzir experiências particulares da agência das mulheres negras paraibanas. A partir do protagonismo da juventude negra, falo de mim e das outras mulheres negras em movimento.

A compreensão de gênero implica em perceber como nos constituímos homens e



mulheres em dinâmica não linear (Louro, 2010), sem perder de vista os mecanismos eurocêntricos de estruturação do racismo (González, 2011) e que tentou invisibilizar o gênero das mulheres negras (BairroS, 1995). No campo da cultura, corpos, sentimentos e afetos articulam-se por meio de linguagens que imprimem marcadores sociais envoltos em relações de poder, identidades (Hall, 2015) e ao controle da sexualidade (Foucault, 2008).

Estas ideologias nortearam a agência das seguintes atividades preparativas rumo ao II Encontro Nacional: i) reuniões do Movimento de Mulheres Negras PB, plenária paraibana. ii) Encontro Regional de Mulheres Negras do Nordeste; iii) II Encontro Estadual de Mulheres Negras Paraibanas e iv) o Encontro Nacional em si. Contudo, por questões de limitação de espaço, nos deteremos neste estudo ao legado da Marcha das Mulheres Negras em 2015 a alguns pontos do trajeto constitutivo do II Encontro com enfoque nas relações de gênero. Como fontes foram utilizadas as narrativas entre as jovens negras paraibanas – estudantes, ativistas e pesquisadoras - nos grupos de whatsapp do Movimento de Mulheres Negras PB, os registros das reuniões (caderno de campo), documentos (relatorias, comunicados e registros em site/blog da organização do evento ou das parcerias).

### **Nos “Becos da Memória”**

Tomo o processo metodológico a escrivência de Soares e Machado (2017) com base em Evaristo (2017) para reportar aos —Becos da memória— na escrita de Joselina Silva e Amauri Pereira (2014) sobre o Encontro Nacional de Mulheres Negras de 1988. Esses 30 anos não se constitui como interstício, mas como hiato de agência política e cultural.

Sete das quase mil mulheres presentes no II Encontro Nacional representaram a delegação paraibana: Jadiele Berto, Jô Pontes, Maria Luzitana Santos (Luz Santos), Kamila Rayane, Maria de Lourdes Teixeira, Lídia Moura e Ana Margarida de Jesus. Necessário se faz registrar que mais de cinquenta mulheres negras na Paraíba construíram nossas idas.

O *II Encontro* se constituiu da narrativa de diferentes mulheres negras do campo e da cidade, quilombolas, de diferentes identidades de gênero e orientação sexual, surdas, cadeirantes e também de mulheres brancas. Das tantas presenças transitaram no evento de 2018: Conceição Evaristo (Escritora negra brasileira e que no evento fundou *Academia Afro-diaspórica de Artes, Letras e Ciências do Brasil*), Renata da Silva Souza (Deputada Estadual do RJ/PSOL), Anielle Franco (educadora e ativista), Vicenta Camusso (Coordenadora da Red de Mujeres Afrolatinoamericanas Caribenhas e da



Diáspora), Dulce Pereira (ex-diplomata brasileira), Maria Luíza Nunes (Rede Fulanas – PA), Flávia Oliveira de Fraga (jornalista e repórter Globo News), Sueli Carneiro (ativista, intelectual e diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra), Rosa Marques (Rede de Mulheres Negras de Pernambuco), Piedade Souza (Rede de Mulheres Negras de Pernambuco), Benedita da Silva (Deputada Federal), Biatriz Santos (Ativista do Coletivo Cara Preta), Edna Roland (ex Diretora do Geledés), dentre tantas outras.

Das tantas referências que a juventude de mulheres negras traz como referência a ação política trago Luiza Mahin, ex-escrava que liderou a Revolta dos Malês no século XIX, como interlocutora ancestral dessa escrevivência. No processo de desconstrução da associação entre mulher negra e subalterna, Mahin evidencia a ideologia do racismo estrutural compreendido por Silvio Almeida enquanto -processo histórico e político [que opera nas] condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados [...] estruturalmente reproduzida (p. 40-42) na estrutura da sociedade brasileira.

### **Encontro Nacional de Mulheres Negras – *da Marcha ao Fórum***

O Fórum Social Mundial realizado nos dias 14<sup>o</sup> e 15 de março de 2018, na cidade de Salvador, BA, Brasil instaurou o Fórum Permanente de Mulheres Negras (FPMN): avaliação dos 30 anos do I Encontro Nacional de Mulheres Negras. O evento desencadeou as ideias iniciais para realização do II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil.

O FPMN foi realizado por entidades mobilizadoras da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver. O Fórum adotou como diretriz o enfrentamento do racismo e a eliminação das desigualdades de gênero no país, baseada na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e na Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024).

Dois importantes painéis nortearam as discussões do FPMN 2018: i. Avaliação dos 30 Anos de organização do movimento de mulheres negras contemporâneas: do I Encontro Nacional à Marcha de 2015; e ii. Conjuntura Política de Mulheres Negras no Brasil, América Latina e Caribe.

As discussões apontaram que decorridos 30 anos de rearticulação política do cenário brasileiro são imensuráveis os desafios da mobilização para fins de afirmação do protagonismo na luta política das Mulheres Negras. Contudo, dados do estudo *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça* do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015) mostram que embora a maioria da população brasileira seja negra (55,6



milhões), as Mulheres Negras chefiam os lares (41,1% das famílias negras) com salários em média 58,2% menor que a renda das mulheres brancas.

Diferentes forças políticas do Movimento de Mulheres Negras do Brasil deliberaram no FPMN 2018 questões como: o acirramento do racismo, o aprofundamento das desigualdades e a concentração de riquezas, o feminicídio de mulheres negras, o assassinato de jovens negros, o encarceramento e a precarização do trabalho agravados nos trinta anos anteriores, de maneira que o Encontro Nacional – 30 Anos apresentou-se como espaço político para reafirmar um novo pacto civilizatório para o Brasil, reivindicado desde a Marcha das Mulheres Negras 2015.

Na perspectiva da escrevivência de Conceição Evarista, tomo o pensamento de algumas ativistas negras para sublinhar o trajeto sócio histórico do movimento de mulheres negras.

Sueli Carneiro (2003) diz que na chancela do caminho da redemocratização a Constituição brasileira de 1988 demarcou a consolidação de agendas dos movimentos sociais negros na contracultura ao racismo e patriarcado capitalista eurocêntrico. A autora dá como exemplo a destituição do poder pátrio, um tipo de poder familiar cujos —direitos e deveres eram atribuídos aos pais em relação às pessoas e bens dos filhos não emancipadosII e o desenho de —políticas públicas específicas à questão da violência doméstica e sexualIII (Carneiro, 2003, p. 117).

Luiza Bairros (1995) e Lélia González (2011) criticam o cenário de lutas das mulheres outrora demarcado preponderantemente pela sociedade de classe (trabalhadores *versus* burguesia) que nega o racismo estruturante. Reitera a autora, em perspectiva pan-africanista, que o não reconhecimento das diferenças e desigualdades entre mulheres brancas e não brancas reforçou dinâmicas de opressão entre as mulheres e silenciou —[...] outras formas de opressão [sexistas]II com viés de opressão política.

## **II Encontro Nacional – trajetos e (des)encontros na caminhada**

Em ambas as edições, a preparação do Encontro durou quase um ano estruturada por meio de plenárias, reuniões, debates, seminários, festas, encontros estaduais e regionais. Essas dinâmicas organizativas garantiram impactante corpo político na construção do II Encontro Nacional. Dada à necessária construção das *relações raciais*, diferentemente dos relatos da primeira edição, por Silva e Pereira (2014), foi possível perceber a presença de mulheres brancas na última edição do Encontro.

Plenárias (nacional e estadual) rumo ao Encontro Nacional de Mulheres Negras



definiram os objetivos, estratégias e delinearão as comissões executiva e organizadora do ENMN-30 Anos. Representação de diferentes estados ocuparam esses espaços.

O II ENMN contou com aporte financeiro oriundo de entidades internacionais e de financiamento coletivo ([kickante.com.br/mulheresnegras30anos](http://kickante.com.br/mulheresnegras30anos)). Tais recursos, no entanto, não conseguiram garantir a participação de muitas mulheres negras cujas presenças foram limitadas predominantemente por questões financeiras e de trabalho<sup>3</sup>.

Assim como relatam Silva e Pereira (2014), o II ENMN foi igualmente marcado por tensões. Não se pode afirmar a inexistência de tensões internas em 1988. Contudo, de acordo com as coordenadoras estaduais<sup>4</sup> e delegadas que representaram o Movimento de Mulheres Negras na Paraíba, as tensões preponderaram em diferentes fases de construção na edição de 2018, sobressaindo diferenças político-culturais regionais e tensionamentos intergeracionais.

Em que pesem os diferentes e profundos debates, dentro os quais sobre protagonismo político (organização política das mulheres negras), estratégias de enfrentamento à violência; feminicídio de corpos negros jovens; cuidado e o afeto e força política para o Bem Viver, as ideologias das diferentes gerações sobrepuseram-se à discursividade da agência. Parte da juventude de mulheres negras que construiu o *II Encontro Nacional* compreendeu que imperou a narrativa do adultocentrismo que operou na desconsideração do olhar da juventude, revelando (des)encontros/(re)encontros de relações intergeracionais.

Embora seja uma tônica narrativa dos movimentos sociais negros a defesa do protagonismo político da juventude negra, Miranda (2015) salienta dinâmicas nas relações de poder que deixaram perceptível a sobreposição entre adultos e jovens, revelando o adultocentrismo. Importa ressaltar o contra senso político e a densa formação política da juventude negra.

Julia Zanetti e Monica Sacramento (2009, p. 24 apud Miranda, 2015, p. 136) analisam que —[...] a conjugação das desigualdades raciais, de gênero e geracional reforçam os lugares de [...] subalternização e desconforto em relação aos próprios pertencimentos, traduzindo-se em desigualdades sociais. Na perspectiva da complexidade de ordem, desordem e acaso, isso parece configurar alguns limites, embora na dinâmica da agência, sejam também complementaridades.

Para além de um olhar aleatório, com base no pensamento de Débora Miranda (2015) do sistema-interações-organização à culminância do *II Encontro Nacional* as



desigualdades geracionais foram operadas pelo adultocentrismo, dadas dessemelhantes relações de poder entre as mulheres negras mais experientes e a juventude preta.

A cultura do *respeito às mais velhas*, em certa medida, disfarçou concepções de obediência subalternizante em meio às demandas da agência política. Na disputa de narrativas, embora as percepções da juventude de mulheres negras tenham sido contempladas nos momentos de construção da prática organizativa do evento, foram reinterpretadas por uma semântica que se distanciou no enunciado.

### **Para (não) concluir – naa roda dos (des)encontros**

Diferentes foram as redes tecidas na construção do *II Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos: contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver*

– *Mulheres Negras Movem o Brasil*. Como qualquer dinâmica de agência os caminhos tecidos constituíram encontros e desencontros.

O Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 Anos constituiu-se de um estratégico quilombo marcado por legados políticos, mas também por heranças coloniais imbricadas às identidades cujas narrativas buscamos descolonizar.

No âmbito dos direitos humanos, compreendo que os limites ideológicos que por ora balizam as relações intergeracionais não devem se sobrepor a prática da sociedade brasileira – de combater as diferentes formas de violência e defender o direito à vida exterminada pelo racismo estruturante.

Necessário registrar que um dos principais legados do II Encontro Nacional foi a constituição internacional de uma rede de mulheres negras em alusão ao projeto internacional *Vidas Negras Importam*, a construção da Academia Afro-diaspórica de Artes, Letras e Ciências do Brasil e os diferentes fóruns de discussão entre quase mil mulheres negras brasileiras.

Com respeito às mais velhas, nos colocamos à impulsão do protagonismo político da juventude negra. Nossos passos vêm de longe!

### **Notas**

<sup>1</sup>Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. E-mail: luzdosol.pe@gmail.com

<sup>2</sup>Data em que foi assassinada a vereadora e ativista Marielle Franco.

<sup>3</sup>Na Paraíba, embora desejosas, muitas mulheres negras desistiram da viagem por não poder arcar com os custos de deslocamento. Para as —pretasll paraibanas quem se





locomoveram de ônibus, a viagem durou quase 15 dias entre ida, volta e participação no evento. Um período considerável de tempo, inviável para manter vaga no disputado mundo do trabalho no retorno pós-evento.

<sup>4</sup>Jadiele Berto (integrante do FOJUNE - Fórum de Juventude Negra) e Hildevânia Macêdo (integrante da AMB/PB - Articulação de Mulheres Brasileiras), ambas do Movimento de Mulheres Negras. Os nomes estão aqui registrados mediante autorização das ativistas.

### Referências bibliográficas

Almeida, Silvio Luiz de (2018). *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte, MG, Brasil: Editora Letramento.

Bairros, Luiza (1995). Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*. V.3, N. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>. ISSN 1806- 9584. Versão *online*. Semestral. Acesso em: 08 Jan. 2019.

Carneiro, Sueli (2003). Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, vol. 17, n. 49; pp. 117-133. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Evaristo, Conceição (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Pallas.

Fanon, Frantz (1983). *Pele negra, máscara branca*. Rio de Janeiro, Brasil: Fator.

Foucault, Michel (2008, 17<sup>a</sup>). *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Forense Universitária.

Gonçalves, Ana Maria (2006). *Um defeito de cor*. Porto Alegre, Brasil: Editora Record.

González, Lélia (2011). Por um feminismo Afro-americano. Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino n. 1 – Batalha das Ideias. *AfroLatinoAmérica* Disponível em: <https://bit.ly/35ZQZAE>. Versão *online*. Acesso em: 12. Out. 2019.

Hall, Stuart (2015, 12<sup>a</sup> ed). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Lamparina.

Louro, Guarcira Lopes (2010, 11<sup>o</sup> ed). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes.

Miranda, Débora Brasi (2015) I. *Tecendo o futuro: vivências de mulheres negras numa perspectiva intergeracional e familiar*. 2015. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania – PPGDH) – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM, Universidade de Brasília – UNB, Brasília.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2007, 25<sup>a</sup> ed). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes.



ONU Mulheres Brasil. Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50- 50 em 2030 – um passo decisivo pela igualdade de gênero. Disponível em: <https://bit.ly/3kKa2Tw>  
Acesso em: 24 mar. 2019.

Organização das Nações Unidas - ONU. Marco de Parceria das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável 2017-2021. Brasil. Brasília, outubro de 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/Marco-de-Parceria-para-o-Desenvolvimento-Sustentavel-2017-2021.pdf>. Acesso em: 24 Mar. 2019.

Quijano, Aníbal (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: Lander, Edgardo (Comp.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas.

Buenos Aires: CLACSO. Disponível em: <https://bit.ly/32SMVAm>

Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (2015). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/>. Acesso em: 24 Mar. 2019.

Silva, Joselina da Silva; Pereira, Amauri Mendes Pereira (2014.). SILVA, Joselina. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras da década de 1980. In: *O movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte, Brasil: Nandyala, p. 7 – 38.

Soares, Lissandra Vieira, & Machado, Paula Sandrine. (2017). "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, 17(39), 203-219. Acesso em: 14 de agosto de 2019. Acesso em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&tlng=pt)

Vidas Negras. Campanha do Sistema ONU – Brasil. [2017]. Disponível em: <https://bit.ly/3mJWedG>